

Tempo das folhas

Elton Antunes¹

Mais folhas que o de costume cobriram Belo Horizonte no último outono. Antigas como as sempre caem das árvores que nessa estação. Não foram, porém, espalhadas pelo vento mas cuidadosamente recolhidas por um conjunto de pesquisadores em livro que analisa a imprensa e o cotidiano da cidade no período de 1895-1926. *Folhas do Tempo* reúne oito ensaios de professores e estudantes do departamento de Comunicação da UFMG e mostra como os jornais, num percurso sinuoso e cativante, ajudaram a compor uma nova paisagem urbana nos primeiros trinta anos da capital mineira.

A pesquisa nos jornais da época está à montante dos diferentes temas abordados no estudo: hábitos culturais, criminalidade, desenvolvimento do futebol e diferentes práticas que constituíam os laços da sociabilidade local são buscados nas primeiras publicações aqui produzidas. O social é assinalado no objeto impresso. Os dois artigos iniciais, dos professores Maria Céres Pimenta Spínola Castro e Paulo Bernardo Ferreira Vaz, fornecem um entendimento mais geral do papel cumprido pelos periódicos no nascedouro da capital. Como as folhas da estação, os jornais tinham existência efêmera, transitória. Às voltas com as injunções da vida política, servindo para os

“vagidos literários” iniciais de muitos escritores, como diria Drummond, e produzindo as primeiras escritas sistemáticas sobre a vida cotidiana da cidade em construção, a imprensa alimenta e dá forma à criação de laços sociais entre os cidadãos. Os autores mostram como a linguagem dos periódicos e a precariedade das condições materiais para produzi-los — bem explicitada na caracterização discursiva dos anúncios publicitários da época e na identificação das formas rudimentares de produção nas poucas tipografias existentes — se constituem em um momento histórico de transição, mas também fundante de uma tradição. A dinâmica da imprensa de então constrói uma matriz histórica que marcaria todo o fazer do jornalismo belo-horizontino ao longo do seu século de existência. Atraso e progresso, metrópole e província, tradição e modernidade, termos mutuamente implicados que dariam sentido à centenária experiência da imprensa de Belo Horizonte.

A esse enquadramento geral segue-se uma série de reflexões que abordam sobretudo como a forma jornalística revela, se adequa e tensiona a vida social da capital, a se debater naqueles anos entre as promessas de progresso, estimuladas pelo desenvolvimento técnico e espasmos de industrialização, e a

Folhas do Tempo

Maria Céres Spínola
Castro e outros

Belo Horizonte
AMI - PBH - UFMG
1997

Preço: R\$ 15,00

Informações:

Livraria UFMG

Tel: (031) 499-4642

¹ Professor do departamento de Comunicação Social da UFMG

modorra do dia-a-dia naquele vilarejo empoeirado que sonhava em civilizar-se, adquirir ares de grande metrópole. Estudo dos *layouts* dos jornais mostra com clareza o estágio de desenvolvimento da imprensa e as transformações na sensibilidade e percepção do público leitor. O mapeamento das manifestações culturais na cidade, suas dificuldades materiais e a impossibilidade de constituírem um mercado, evidenciam a peculiaridade da construção de um campo cultural em Belo Horizonte e seu vínculo com as atividades de lazer. O circuito cinematográfico local, salas e filmes, é tematizado num dos artigos e enuncia com clareza essa realidade. Como também diz muito da cidade e da organização da vida cotidiana, os trabalhos que rastreiam a emergência da crônica policial nos periódicos e o desenvolvimento de um discurso da imprensa voltado para o mundo do futebol. Por fim, busca-se caracterizar os primeiros cronistas dos acontecimentos cotidianos da capital, os "artesãos da experiência", como diz Arrigucci, e que transformam a matéria prima-prima do vivido em narração.

Na coletânea destacam-se indicações teóricas importantes para o estudo da imprensa no Brasil. A junção entre os processos de transformação e modernização tecnológica e os acontecimentos sociais é marcante. Por um lado, vislumbra-se como dispositivos materiais e os processos que engendram marcam novas possibilidades e formas de pensar e se comunicar dos agrupamentos sociais. Por outro, a análise da própria dimensão expressiva dos periódicos, o "desenho" do objeto escrito, trabalha com argúcia a relação entre forma e sentido. Ou seja, mudanças sensoriais e intelectuais desempenharam um papel decisivo nas referên-

cias da imprensa e do jornalismo de Belo Horizonte e estas podem ser escavadas na materialidade do texto impresso. O estudo de formas de impressão, características técnicas de gravação e maquinário, mais que detalhes, constituíam recurso e superfície para as folhas escreverem e inscreverem as tramas da sociabilidade.

O trabalho da imprensa e a cidade mostram-se como duas instâncias necessariamente enredadas. Através dos jornais ganham forma concepções diferentes de cidade: o espaço urbano como sinônimo da modernidade, o modo de vida urbano conformando formas peculiares de cultura, as diferentes maneiras do homem confrontar o espaço e fazer "uso" da cidade, as novas representações do tempo. A imprensa narra também uma cidade diversa, de variadas significações.

Vale ressaltar no trabalho de pesquisa o exame de material primário e levantamento em arquivos. São leituras refinadas, que recuperam esse mundo aparentemente em ruínas do jornalismo impresso da capital, dando uma organização a um rico acervo de periódicos. Como já acontecera com o lançamento, em 1995, de "Itinerários da Imprensa de Belo Horizonte (1895-1954)", do historiador Joaquim Nabuco Linhares, *Folhas do Tempo* dá continuidade ao trabalho de resgate de aspectos importantes da atividade editorial em Belo Horizonte.

Exemplar, pois, esse esforço de articulação entre as memórias da cidade e o texto jornalístico. O filósofo Walter Benjamin disse que habitar é deixar rastros. Muitas pegadas estão por sobre e sob essas folhas, gestos de praticantes da imprensa, imagens dos habitantes e suas redes de convivência. A memória da cidade acompanha as folhas do tempo.